

CDU 82 - 3

LOUCURA E DISCURSO IMAGINÁRIO

Sébastien Joachim (UFPE)

APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O estudioso que pretende abordar textos literários sob o ângulo analítico psicanalítico necessita de um mínimo de informações teóricas e de uma certa disposição de espírito. As informações básicas se encontram na bibliografia em anexo, principalmente nos nomes de Bellemin Noël, Mahony e Wieder. Para a leitura da loucura ficcional, em particular, - alvo dessa pesquisa - as referências fundamentais são Danon-Boileau, Menahem, Plaza e Thévoz. Quanto à disposição afetiva, e também o contexto sócio-cultural e político do discurso louco, ficcional ou não, todos os autores citados falam-no, mas destacamos aqui os nomes de David Cooper e Michel De Certeau.

Mas qual é a relevância de um estudo da loucura ficcional? Sabemos que psiquiatras e analistas cuidam da loucura verdadeira, de pessoas de carne e osso, de sujeitos empíricos, e que talvez seja a única tarefa que valha a pena. O que nos levaria então a nos preocupar com fábulas cuja função seria de puro divertimento?

Longe de nós recusar a função prazerosa da arte, nem competir com os especialistas dos distúrbios mentais. Nossa preocupação, porém, é justificada tanto pelas declarações dos estudiosos supracitados quanto pelos trabalhos sobre a loucura na História e na Arte de Michel Foucault e os estudos sobre o texto de ficção e o texto ficcional de Paul Ricoeur. Mas aqui nossa justificativa se baseia sobretudo na autoridade de Michel De Certeau (no tocante à ficção), na de David Cooper (no tocante à loucura discursiva) e na de Monique Plaza (no tocante à análise fenomenológica). Veremos que a razão é ao mesmo tempo epistemológica e estratégica.

Com ou sem intriga de loucura fingida ou não, a ficção ou o texto de imaginação, essencialmente feita de simulacros de vivência humana, é um domínio de estudo mais amplo do que se pensa no círculo dos científicos mal informados e dos intelectuais políticos tidos por "realistas".

No apreço desse rigoroso historiador que foi Michel De Certeau, a ficção é uma epistemologia ou interrogação sobre a realidade e sobre o

nosso saber. Numa tal óptica, tanto a escrita ficcional quanto a sua leitura competente constituem modos específicos de se chegar às Invenções de percepções e de conceitos - uma heurística (De Certeau, 1987, p. 67-69).

De fato, o que se designa por ficção não se confunde com o falso ou o puramente irreal, não se opõe à nenhuma ordem de conhecimento. Ela é uma mistura de "real" e de não real subjacente a todas elas: ciência, mitos, artes...

Inferese de De Certeau uma definição da ficção como anunciadora e organizadora de um porvir. Como a Ciência, ela diz: suponho que..., e avança hipóteses contrafatuais. Discurso científico, discurso ficcional se parecem por vezes, na sua carência provisória de referências, no seu divórcio com o senso comum. Mas a ciência procura se segurar pela monovalência e pela estabilidade semântica ao passo que a ficção busca a aventura da polivalência e da instabilidade dos efeitos. Enfrentam-se aí as duas utopias, senão duas ameaças de loucura, quando procura e busca são extremadas. Manias classificadoras e rigidez redutora, dispersão semântica e compulsiva fuga para frente: ambas as atitudes discursivas estão no registro da psicose. Tanto a ciência quanto a ficção podem cair na malha fina de uma relevante leitura "psicanalítica".

Grande admirador de Foucault o historiógrafo da loucura, De Certeau multiplica as relações entre modelos freudianos e modelos literários no capítulo VI de seu livro *A Psicanálise entre História e Ficção* (Gallimard 1987, p. 125-128, 132-141). Essas relações são hoje bem conhecidas com a divulgação dos mecanismos retóricos vigentes na teoria dos sonhos (reportem-se na bibliografia aos nomes de Bellemin-Noël 1982, Danon-Boileau 1987, Ella Sharpe 1972, Lacan, *Escritos*). Mas De Certeau nos relembra algo menos divulgado, a saber que essas "figuras" de retórica, Freud as liberta do "ghetto literário" e lhe confere uma "pertinência histórica". Numa passagem, De Certeau fala de uma "estilística dos afetos" (p. 132-133) ligando, loucura, literatura, inconsciente e paixão. Nisso veremos que suas declarações convergem, com as de Menahem, Cooper, Thévoz e Plaza. Por enquanto contentemo-nos em assinalar a importância epistemológica e heurística que ele tem atribuído à ficção literária no que diz respeito à função política e à escuta psicanalítica do discurso louco.

As orientações teóricas que apresentamos compreendem os itens seguintes:

- CONTEXTO SOCIAL DA PRODUÇÃO E REPRESENTAÇÃO
- DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA
- QUADRO DE ANÁLISE

CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL DA LOUCURA

Quase ninguém nega hoje a necessidade de levar em conta contextos mais vastos (história, formação social, instituições culturais e sócio-políticas, a própria linguagem como substituição) para entender o discurso individual e os comportamentos. Por isso, um dos *leit motives* de nossa pesquisa vai ser o peso do sociolecto sobre as manifestações intelectuais, o impacto da realidade instituída, da totalidade simbólica sobre a percepção e a enunciação do sujeito individual.

Linguístas, literatos, filósofos, analistas, testemunham isso. Antes de recorrer ao depoimento do mais veemente deles, David Cooper, escutem a palavra mais moderada de Eduardo Guimarães (*Enunciação e História*. Póntes, 1989, p. 73-74):

Enunciar é em parte pelo menos determinado socialmente (...). O enunciado se caracteriza como elemento de uma prática social (...) e o sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor e do assunto de que se fala.

Veremos que o discurso louco lida perigosamente à rejeição violenta da determinação social, e talvez da relação comunicativa e comunitária pressuposta por Guimarães. Do ponto de vista da linguagem como instituição, o sujeito recebe a sua língua enquanto sistema pré-estabelecido. Ele vai empregar toda a sua engenhosidade para escapar (Michel Mazzola, in: *Langage*. Paris, Bréal, 1986, p. 122, *ibid* Régis Hännion). A colocação de Guimarães é reforçada por essa outra de Michel Mazzola (*Langage*, 1986, p. 123): "Le langage libère les choses et les forces qui nous entourent et qui nous meuvent"¹, a linguagem nos ajuda a identificar as coisas e entrar em relação dinâmica com elas, e com a totalidade simbólica que Levi-Strauss designa pela expressão "lei da cultura" (conflitos íntimos, regras do matrimônio, relações econômicas, teorias estéticas, associações científicas, dogmas da religião, enfim tradições). Contrariamente às expectativas dos linguístas e dos antropólogos, o discurso louco quer pular fora da linguagem e do enquadramento sócio-cultural. Estes são percebidos como mutiladores e alienantes.

Como dissemos, no primeiro plano dos defensores por vezes românticos da loucura, se destaca David Cooper (1986), ex e antipsiquiatra. Como Plaza e Menahem, ele distingue dois tipos de

¹ Citação de Michel Mazzola, in: *Langage*. Bréal, 1986, p. 132. Também Jean-Joseph Goux: *Freud. Marx. Économie et Symbolique*. Seuil, 1973.

loucura, a loucura-paixão e a loucura-patológica². Ele próprio experimentou uma forma de vivência "borderline", que o levou a conferir uma certa legitimidade à loucura-paixão como em estado-limite, dotado de positividade e de criatividade. Em nome; do direito à paixão e ao ultrapassamento, ele polemiza as estruturas sociais e os discursos que a sustentam, inclusive o discurso médico. Gérard Méchoulam (*De la psychanalyse à la cosmo-analyse*. Ireca, Delachaux et Niestlé. 1987) é um estudioso que propõe uma tese semelhante à de David Cooper. Segundo ele, tanto o mundo que nos circunda quanto seus discursos (Informações, saberes, aparelhos ideológicos de estado, projeções que tomam o lugar da Natureza, - pois é quase impossível ter acesso direto à está - tradições ancestrais vindas do fundo do passado mais longínquo da humanidade, mitos, enfim uma neurose coletiva) constituem temas poluentes e aprisionadores. Uma "démarche" cosmo-analítica faz-se necessária para desidentificarmos; ela consiste essencialmente na descoberta e na análise dos "processos demiúrgicos em ação no universo e no ser humano" com a esperança que, pelo desvelamento da maquinária, pela lucidez e ação concreta consecutiva a essa tomada de consciência, religarêmo-nos com o mundo verdadeiro e com o nosso ego autêntico. O resultado final - que não se consegue sem sofrimento - é a libertação das determinações, opressões, sentimento de culpa e medo, a barragem à entropia, a restauração das "primeiras manhãs" da humanidade. Projeto de um saudosismo conquistador inegavelmente justificador da empresa do discurso louco e de seu ex-centramento sistemático.

Talvez o leitor tenha logo percebido o parentesco dessas posições com as de Foucault, Deleuze-Guattari, de Castoriadis-Aulagnier. Na frente de luta feminista, é preciso acrescentar os nomes de C. Herrmann, R. Lakoff, B. Thorne e N. Henley³. Para Cooper (1986, p. 39) são as instituições, inclusive a linguagem instituída, que são alienadas e que alienam os indivíduos. De Certeau (obra citada, p. 71, 75-76) oferece subsídios para uma tal contestação que, em consonância com Rubem Alves (*Conversas com quem gosta de ensinar*. Cortez. 1986) atinge até o funcionamento da pesquisa universitária. De Certeau denuncia o imediatismo da pesquisa científica, sua prostituição ideológica, sua subserviência ao poderio financeiro. Mas cabe a David Cooper definir a alienação com maior agudez. Para ele, a alienação é uma "invasão" daquilo que consideramos como "nós mesmos" por uma formidável externalidade (*une monstrueuse altérité*).

-
- 2 Michel Foucault por sua parte, quase com a mesma nuance, distingue entre o louco e o furioso
 - 3 Consultar por esses nomes a bibliografia de Patrick Mahony. 1986

Essa externalidade interiorizada corresponde àquilo que Levi-Strauss chama *Lei da cultura*, pois ela "compreende" toda a massa das relações humanas, das experiências do micro-social até o institucional e ao macro-social (Cooper, 1986, p. 39). Estamos perante a dialética trágica de um discurso-mestre colonizador de todos os discursos individuais, um discurso zeloso de sua unicidade e originalidade. David Cooper recomenda a reconquista do espaço perdido pelo discurso individual (e o fazer que lhe é concomitante), através de invenção de experiências. Mais especificamente, ele aconselha uma operação saudavelmente louca: a desestruturação-reestruturação. Por este meio conseguiremos ultrapassar a alienação. No entanto, é preciso ter em mente o pré-requisito da ultrapassagem: uma viagem iniciática que transita por um ponto zero, ponto de purificação quase místico, de anulação do espírito, de reemergência e sobressaliência do corpo. Acompanha essa desnormalização, uma angústia perpassada de uma profunda satisfação íntima. Cooper chama *União paradoxal* o sentimento ambíguo "alegria estática" e de "desespero total" pelo qual passa o candidato à desalienação.

A desalienação discursiva e comportamental tem um preço alto: a loucura individual. É necessário saber administrá-la. Ela não pode degenerar em "loucura social visível" (Cooper, p. 40), sem comprometer o processo de mutação qualitativa. Nenhum elemento do paradoxo (êxtase/desespero) deve triunfar, eliminando o outro. Isso acarreta o desastre do êxtase puramente ou da dor que mata. Um ou outro resultado transforma a loucura-paixão em loucura-patológica, o discurso poético em esquizografia⁴, as grandes criações (Cooper, p. 41) em esterilidade.

É evidente que David Cooper tem um pendor místico e se posiciona radicalmente contra o Poder estabelecido e o discurso que o fortalece. Mais moderada é a posição de De Certeau que não cai na equação simplória: Loucura = Criativismo = Poesia. Quanto à posição dos lingüistas, se ela pode passar por mais judiciosa, talvez seja também demasiadamente cautelosa. Ruth Menahem nos dirá o por quê.

Com certas ressalvas, a "revolução permanente" preconizada por David Cooper em nós e ao nosso redor via a loucura-paixão e a poesia é estimulante. Ela pode contribuir à melhoria da linguagem estética, ao progresso do indivíduo, ao dinamismo das formações sociais; ela é suscetível de fomentar o sentimento da responsabilidade, à margem de uma normalidade redutora, de seguranças estéreis, da reprodução do

4 Ver mais adiante a resenha do estudo: "La schizographie ou l'écriture indocile" por Navet, Lavalée-Huynh et A. Roch-Lecours. Montreal. 1982.

banal. E saudável a tomada de consciência que Cooper propõe, quando diz (p. 27):

Nossa loucura está conosco todo o tempo, apesar do fato que a loucura daqueles que são totalmente normais tem-se suicidado para deixar apenas vestígios estatísticos (...); às vezes, nossa loucura se torna visível para nós, e então nos transformamos; às vezes, ela se torna socialmente visível e corre então o risco de ser assassinada.

Vem ainda um conselho que ninguém pode recusar sem negar a sua dignidade, a autonomia de seu ser, e a sua criatividade:

Cada um de nós a nosso modo, necessitamos viver nossa própria loucura (-paixão); não há caminho antecipadamente traçado. Que cada um de nós assuma a sua própria responsabilidade a fim de delinear o seu próprio caminho; cabe à nossa responsabilidade tomar cuidado para que ninguém se apodere de nossa responsabilidade (p. 27)

Sigamos o conselho. Ele vale ouro.

DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA

Na perspectiva de Foucault, a loucura é como a escrita segundo Derrida, como o Inconsciente segundo Freud: ela não tem essência. Ela é produto de um discurso (clínico em especial) que lhe confere sentido (L. Guirlinger, in: *Langage*. Bréal. 1986, p. 212-228).

No âmbito de nosso estudo ela é antes um discurso coagido pelo discurso do Outro. São numerosos os autores que tentaram delinear o discurso e o comportamento louco (Cooper, Thevoz,...), as melhores descrições incontestavelmente de ficcionistas, como por exemplo Maupassant, Virginia Woolf, Patricia Highsmith, Marguerite Duras, Hilda Hilst, Osman Lins, Maximiano Campos... Por ter percebido isso no que diz respeito aos quatro primeiros escritores mencionados, Monique Plaza (1986) realizou uma excelente e convincente descrição não-ficcional do fenômeno. Os capítulos do seu livro consideram alternadamente, e com uma certa redundância que assumimos ao lado dela: as exigências estéticas e linguísticas do escritor, o fenômeno "loucura" e seu universo, o funcionamento interdiscursivo do Mesmo e do Outro, o leitor e suas atitudes dentro dessa síntese, esporadicamente inserimos a nossa visão pessoal e a de vários outros.

Monique Plaza (1986, p. 70-71) detecta e descreve uma inclinação inconsciente do escritor que vai servir de sustentáculo a tudo que poderíamos apontar como sendo a loucura no texto: o desejo de ir a quem da linguagem, de ir a quem do quadro simbólico desenhado pela

língua-mãe, para o "lugar de um espesso silêncio" onde irrompem gritos vindos de um indeterminado alhures. Implicitamente, a estudiosa refere-se ao pré-reflexivo, ao ante-lógico, pré-simbólico da fenomenologia husserliana e do sistema lacaniano, também ao re-mergulhar (metafórico) no corpo da mãe. De modo explícito, Monique Plaza fala de "queda fora da linguagem", o que envolveria uma definição heideggeriana e derrideana da escrita (poética) enquanto vestígio ("tracé") do inexprimível. Numa trilha tão ambígua, surgirá provavelmente mais uma outra: o ato de escrever como gesto suicida e repleto de arrependimento; a inscrição é contemporânea de sua negação, porque altamente consciente da imposição dos códigos; daí um inconsciente e constante desejo de rasura simbólica, a tentação de recuar ao momento originário, pré-linguístico. Michel Thévoz (1986) afirma algo que ratificaria mais David Cooper que Monique Plaza: seu oposto ao oral, o escrito tem historicamente praticado um recalamento da pulsão, uma violência sobre o corpo, a voz, o gesto. Mas Plaza, de acordo com Thévoz e Michel Mazzola (citado no item II), reconhece que embora mutiladora, a escrita é hoje um incontornável meio de ação artística e política; uma excelente formação de compromisso nos trabalhos de Virginia Woolf, de Marguerite Duras, de Patricia Highsmith (*O Diário de Edith*). Com efeito, a pesquisa ficcional dessas autoras recupera parcialmente o corpo na escrita através do jogo dos significantes, do embate do semantismo e do silêncio⁵. Os efeitos de loucura, como os efeitos de Inconsciente surgem nos interstícios abertos pelos gritos: gritos de êxtase e de desespero (segundo Cooper), gritos de dor e de desamparo (segundo M. Plaza). Resulta assim uma estranha propensão da escrita da loucura, o concreto, o ritmo fisiológico, o inefável da corporeidade é do puro sentir. O "id" grita no texto louco (Plaza, p. 71).

Heidegger já precedeu Cooper e Plaza na explicação do êxtase e/ou da angústia, concomitantes segundo ele, do gesto poético de Holderlin⁶. A fratura (*le bris*), a transgressão da fala poética, portanto sua inerente intensidade e ruptura, é talvez o sinal do império da dor. Para Monique Plaza, essa dor resulta da sensação de uma pressão esmagadora das Instituições. Plaza enfatiza em termos espaços-temporais o que Cooper exprime talvez predominantemente em termos políticos. A "monstruosa externalidade" do antipsiquiatra, se chama aqui *plétora*, uma superabundância circundante. A escrita de

5 O resgate da oralidade em certas ficções do segundo pós-guerra é demonstrado por P. Van den Heuvel: *Parole, mot, silence*. Paris, Corti, 1985

6 Ler a resenha respectiva que dão de Heidegger leitor de Holderlin: J. Garelli, *La Gravitation Poétique*. Mercure de France, 1966; R. Heyndels. *La Pensée Fragmentée*. P. Madarga, 1987

ficção, mediante os personagens, mostra essa pleitora em ação, assediando todas as formas de percepção sensível e intelectual. A consequência é um *desabar* das resistências. Pois no estado presente da cultura, à pleitora institucional (sob todas as formas discursivas e não discursivas); nenhum indivíduo, por rebelde que seja, resiste. *Nobens volens*, o desabamento sempre o espera. Toda tentativa prometeica será vencida. A poesia, a invenção tem que fazer algumas concessões, respeitar um mínimo de regras, de estética em rigor, de protocolo de comunicação.

A dialética Indivíduo x Instituição se reveza com outros pares concorrentes como Verdade (respeitada) x Arbitrariedade (Imposta), Senso de limite x Onipotência, Virtualidade (subjéctiva) x Objetivação (reductora), Desvio x Normatividade, Atopia x Ancoragem referencial (convenções), o Sentir/ o Pensar/ o Concreto x o Abstrato, a Exigência ética x Amadorismo, Contato com as coisas x *Ausência de contato*, *Convicção do Mesmo* x Desacreditação do Outro, Visão x Cegueira, Desejo de mudança x Imobilismo, Vontade de libertação x Vontade de enclausuramento enfim Loucura x Razão.

Porém, uma observação atenta indica uma certa reversibilidade da posição, por efeito de bumerangue. Nem todos os conceitos estão em relação de contrariedade forte, nem todos os pares remetem ao mesmo fundamento. Mas a uma condição: passada uma certa fronteira, louco e não louco trocam sem o saber os seus atributos como já assinalamos. Mesmo assim essa lista constitui um instrumento de análise viável.

Voltamos novamente a algumas das análises que sustentam essa lista de categorias, que aliás se depreendem, como dissemos, do empreendimento dos ficcionistas. Monique Plaza (1986, p. 77) identifica, como vindo do Alhures a qual referimos acima, certas formas e significação geradoras de conflitos:

falsas evidências sobre "o que eu sou e o que o outro é, sobre o que diferencia a Vida da Morte, sobre o que diferencia meu desejo, minha língua da língua e do desejo do Outro, sobre o fundamento da identidade sexual, sobre a sexualidade, sobre a raiz da verdade...

Percebemos que a loucura é suscetível de invadir o discurso, quando conteúdos metafísicos são brutalmente administrados por parâmetros sociológicos e políticos; o indivíduo des-territorializado, se vê empurrado para a neurose ou para a psicose. O que acontece na vida empírica é encenado e estilizado na vida ficcional conforme a lei do simulacro. O mais famoso caso de luta empírica contra a posse de Eu pelo paradigma do Outro através da língua materna é o do

"esquizofrênico" americano Louis Wolfson. Wolfson publicou diretamente em francês *Le schizo et les langues* (com prefácio de Gilles Deleuze). Nesse livro, o leitor assiste a uma luta épica contra a "apropriação do corpo, dos sentidos, das funções, do espírito... pelo Outro" (M. Plaza, 1986, p. 81). A *plétora* muda de campo. Ela passa do império das Instituições e da Representação por ela fabricada, para a mente de Wolfson. É a realidade cotidiana, o "mundo" de fora, a língua inglesa que os codificam que desabam. A onipotência também muda de posição. Ela se instala no código de francisação forjado pelo esquizofrênico. Este reestrutura soberanamente os objetos de discurso metamorfoseando-os, remoldando-os conforme a visão-do-dentro, impondo significações divergentes das da comunidade. Essa inversão de pólo, corresponde de fato ao surgimento de uma nova megalomania ou onipotência. Sob seus aspectos por vezes franciscanos, o sujeito do neo-discurso nem sempre inteligível (porque procedendo de uma outra lógica), aspira a uma *ditadura* dos significados... Se essa ditadura conseguir se impor, nascerá um novo regime semântico, estético, ideológico, científico... um gênio ou um louco. O destino desse cidadão depende da aceitação ou da rejeição maciça dos "décideurs" (encarregados de decisões) da sociedade. Pois, é o discurso social através de seus delegados, que fabrica a loucura (ou a genialidade).

No quadro de análise de Monique Plaza, qual atitude é sugerida ao leitor?

Já temos acima um esboço de resposta - aceitação ou rejeição a nível da comunidade. Englobando uma comunidade amorfa, o indivíduo tende a consagrar a genialidade e ostracizar loucura sem se questionar sobre a raiz de sua atitude. Thévoz, Menahen, Cooper, Plaza são unânimes ao solicitar maior compreensão face ao discurso louco, maior severidade face ao discurso médico e psicanalítico.

Os fenomenólogos aconselham, em matéria de texto social e de texto literário, a *apropriação* e a *participação*, porque sempre existe a possibilidade de tirar uma lição ou um ensinamento dos fatos empíricos ou imaginários. Monique Plaza (1986, p. 91-97) retoma o problema em termos de *univocidade* (do lado da rejeição) de *espaço potencial* e de *virtualidade* (ao lado da aceitabilidade).

A atitude intransigente perante o discurso louco é julgada "bárbara", por reversibilidade. O discurso do poder é propenso a tratar de bárbaro, louco, tudo que é contrário aos seus desígnios. As formações sociais, o indivíduo, imitam aquele discurso enviesado (quem não está comigo está contra mim). O discurso louco por sua des-representação, questiona nossas falsas seguranças e nossas ambições. Por isso, precisamos ficar alertas às dúvidas que ele traz à tona. Sejamos prestes a nos instalar sobre a alavanca do "espaço potencial" que ele abra, em direção de uma ultrapassagem. O leitor ideal de Monique Plaza (1986, p.

94, 161) se recolhe no *espaço-tempo-paradoxal*⁷ - uma "zona intermediária" (94), "*une zone de partage*" (161) comum aos investimentos psíquicos (reais/possíveis) do Autor e do Leitor, da Realidade fatural e do Imaginário. No domínio do "infinitamente possível" do *espaço-tempo-paradoxal*, o leitor idôneo negocia a conciliação de suas "phantasias", de seus "sonhos" e de sua obediência à "Lei da Cultura".

Um dos benefícios da "ficção louca" é que nela a atitude do leitor/ouvinte é prescrita pelo próprio narrador. Este cria uma "ordem do virtual" (Plaza, p. 96-97). Quando a loucura é patológica, a virtualidade discursiva impossibilita a metáfora: o enunciado tende a sentido literal e ôbjetal e, às vezes, impossível; quando não patológico, o funcionamento discursivo, promove "hipóteses teóricas", conversões de valores, propostas de neo-realidades, o impensado. Em suma é necessário voltar para a noção de ambigüidade apresentada no início desse item. O impensável se mistura ao impensado na loucura. O leitor/auditor inapto a separá-lo, dificilmente tirará proveito de seu encontro com ela. Pois, em vez de uma positividade criativa, o que ecoará nele é a negatividade da perda, da depressão, da destreza, da vacuidade, da alucinação, do egocentrismo, enfim a agressão de um mundo desértico ou repleto de objetos contundentes, a morte violenta (Plaza, p. 101-104).

Tal é a descrição psicológica, e também epistemológica, da experiência louca (Cooper, supra; Plaza, p. 106). Digamos epistemológica porque mesmo patológica e portanto repelente, a loucura ficcional proporciona requestionamento das certezas e compreensão mais profunda da "normalidade". Esse salto fora do "topos" da Tradição e da Convencionalidade é o *atópico*. Neste sentido, a loucura nos coloca a caminho da libertação de um potencial inesperado por significações parasitas, subdesenvolvido sob o império da totalidade simbólica, cloroformado pelos estereótipos (Plaza, p. 162, 169).

É preciso assumir uma loucura mínima para descentrar a perspectiva, limpar o olhar, sair da insensatez mundana, da prisão das crenças, quebrar certos grilhões, testar a fragilidade de nossas referências axiológicas, enfrentar um pouco de ininteligibilidade salutar, enxergar a si próprio, viver sábia e plenamente (Plaza, p. 179, 202-203). No âmbito mais estreito da aquisição do conhecimento, Gerard Klein

7 | A noção de espaço potencial de D. Winnicott (*Jogo e Realidade*. O espaço potencial, 1975) é utilizada por Monique Plaza, ao lado da noção freudiana de "realidade ficcional", para chegar ao conceito de espaço-tempo-paradoxal. A mesma noção é utilizada também quase na mesma ótica por Jean Bessière (*Théorie Littéraire*, 1989) e por Danon-Boileau (*Le sujet de l'énonciation*, 1987).

(*Psychanalyse de la Science-Fiction*, Dunod, 1986, p. 83) ratifica nossas sugestões e as observações de Monique Plaza quando ressaltou a necessidade de burlar o código de inteligibilidade legitimada pela racionalidade moderna:

O progresso do conhecimento, da cultura e da ciência, não corresponde a uma descrição cada vez mais fina do real, mas a um desenvolvimento de Intersubjetividade, a um intercâmbio cada vez mais exigente de experiências - ou de "éprouvés"/do sentir - cada vez mais numerosas.

Tais experiências são ricamente colocadas ao nosso alcance na ficção louca. Os itens seguintes oferecem pistas de análise no plano de enunciação e das categorias gramaticais.

QUADRO DE ANÁLISE

Na sua tentativa de descrever o discurso louco, a maioria dos autores até agora citados identificam elementos lingüísticos e retóricos capazes de gular uma leitura competente. Seguiremos aqui de modo muito ligeiro André Roch Lecours e colaboradores para o reconhecimento dos elementos lingüísticos, Danon-Boileau e Ruth Menahem para o reconhecimento dos procedimentos retóricos que aqui dizem respeito principalmente à relação enunciativa.

A: - O modelo lingüístico, neuro-lingüístico especificamente, insiste em neologismos, disortografias, alogicidades, anomalias semânticas, justaposições ou regências indevidas de categorias gramaticais... uma diversidade de traços que se observam também na expressão poética. Fato que levou Cooper, Danon-Boileau, M. Plaza, R. Menahem a aproximarem poesia e loucura.

Passamos por cima das anomalias ortográficas sem alcance estético. Quem quiser se documentar a respeito pode se reportar à bibliografia dada em nota.⁸ Nós nos interessamos pelas distorções intencionais, as que o texto literário lança ostensivamente na conta da loucura mas mobiliza consciente e inconscientemente contra a instituição literária, ou tal ideologia estética vigente.

Chamaremos a atenção, de preferência, sobre a sintaxe.

Há no texto literário louco alterações às normas sintáticas. Esses desvios têm valor funcional: sugerir ao leitor a inscrição de perturbações

8 THÉVOZ, M. *Ecrits bruts*. Paris, P.U.F. 1979. BLAVIER, A. *Les Fous littéraires*. Vervier, P.U.F. 1982

afetivas, de intensidade das paixões; representar o desabamento mental ("la débacle", diz Monique Plaza). O texto aparece então costurado de "morfemas, sintagmas entrando em relações singulares, fazendo explodir ferrolhos sintáticos e ortográficos, a ordem lógica, a pontuação..." (Plaza, p. 67), de modo a atrapalhar a compreensão, a produzir o famoso *umheimliche* freudiano (Plaza, p. 68). Isso se traduz às vezes por iterações incansáveis, redundâncias chocantes, superabundância de parênteses e de pontos de suspensão (inversamente por pontuações excessivamente minuciosas, uma estranha disposição tipográfica); por junção indevida de palavras autônomas, ou disjunção de palavras ou de sílabas habitualmente ligadas, por descontinuidades bruscas, silepses e substituição repentina do pronome esperado. Estamos no meio da "linguagem fundamental" do paciente de Freud chamado Schreber, da "língua total (...) para além de toda lingüística (...) inscrita no vazio de todas as línguas..." com que sonhava Philippe Sollers (Barthes, citado por M. Plaza, 1986, p. 70).

André Roch Lecours, Michelle Navet, Ginette Lavallée-Huyinh apresentam um modelo neuro-lingüístico (*La schizographie ou l'écriture indocile*, Études Françaises, 18/1, Printemps, Montréal, 1982, p. 61-91) que sistematiza a prática que com as mesmas rubricas de Monique Plaza, na literatura poética e ficcional de Raoul Duguay, Claude Gauvreau, Marc Favreau, Louis Fréchette, Rimbaud... Além das categorias gramaticais acima assinaladas, merecem de ser mencionadas as seguintes:

a) paragrafia verbal formal:

Um lapso, diria Freud. *Paronomasia*, diriam os Retóricos.

A partir de uma base formal semelhante, duas palavras são trocadas, como para brincar:

vontade verdade

b) Glossomania formal

É uma combinação de quase todos os sintomas verbais precedentes - onde o significado é sobrepulado pela seqüência de significantes. Exemplos aparentados na "normalidade" são certos jogos de palavras, certas canções infantis quando as crianças brincam de roda e outros fenômenos languageiros para os quais não serve nenhum recurso ao dicionário.

No entanto, o fenômeno metaplástico envolvido é altamente significativo.

c) Glossografia.

Procedimento de signos mais radical que a glossomania formal. Aqui são quase todos os componentes do segmento que são neológicos.

d) Glossolalia

"Nome da glossografia no plano oral". Sylvain Auroux (*Le Langage*, p. 146) a define assim: "A glossolalia consiste em falar numa língua que não existe, em dizer sons consecutivos, como numa verdadeira conversação, sem que esses sons sejam palavras de língua alguma". (trad. nossa).

e) Dis-sintaxia:

Ela surge onde há transgressão das regras convencionais de morfosintaxe. Danon-Boileau assinala como exemplo o anacoluto que, no discurso onírico, quebra a coerência dos enunciados, apaga os elos e conectores, rói o fio do enunciado. Observem os dois exemplos seguintes:

O bichinho come desde a florzinha (nosso)

"Um enxugar a louça é uma mulher muito grande" (Roch Lecours e col.)

f) Texto incoerente.

Aquele que não se submete nas suas sequências, parágrafos à lógica da não-contradição e todos os fenômenos precedentes, particularmente a dis-sintaxia, convergem para a incoerência. Mas tanto os pesquisadores de Montréal quanto Guimarães/Ducrot (1989, p. 16-17, 73-74) deixam a entender que sempre subsiste uma luzinha de coerência quando se evidencia "uma intenção de comunicar". Portanto, a relação enunciativa é que decide, afinal, se há ou não mensagem.

Cabe a Danon-Boileau e principalmente a Ruth Menahen nos mostrar esse aspecto enunciativo do discurso na sua relação com a loucura.⁹

B. O ponto de vista enunciativo

Como já tivemos a oportunidade de afirmar, tanto a textualização da loucura como a leitura da ficção louca requer uma atenção especial à relação enunciativa. Quem olha o sumário do livro de Danon-Boileau, *Le sujet de l'énonciation* (Paris, Ophrys, 1987) se convence logo da importância e da abrangência que ele confere a esse assunto. A enunciação na ótica desse lingüista (que é ao mesmo tempo psicanalista) diz respeito entre outros a um Logos todo poderoso na teoria do signo mais divulgado, ao uso da linguagem, ao estilo, à

9 Falta nos modelos apresentados a relação ao silêncio. Entre numerosas referências, citamos: Eni Orlandi (in: Guimarães, 1989, p. 40), Van den Heuvel (1985), Bajomé et Heyndels (1985), P. Mahony (1990: 44-45), E. Detape (1986). Esses nomes figuram em nossa bibliografia.

dimensão dialógica, à "denegação freudiana", à gramática da neurose, às relações entre trabalhos do sonho e figuras poéticas. Notamos que essas figuras poéticas são essencialmente reduzidas em Jakobson e na *Retórica geral* do grupo de Liège à metáfora e à metonímia. Contudo, a analogia tecida por Danon-Boileau entre essa retórica mínima e os mecanismos do sonho (em Freud e Lacan) é mais rica do que o simples esboço de D. Cooper ou as indicações abstratas de R. Menahen. Uma aproximação poesia/sonho se observa no livro de Patrick Mahony recentemente traduzido (*Psicanálise e Discurso*, 1990, p. 73-99). O estudioso canadense se mostra um tanto reticente diante de tudo que ultrapassa a simples presença das associações livres no discurso onírico e no texto poético. É preciso o leitor ir à fonte que indicamos a respeito de Danon-Boileau. No momento, retenhamos o seguinte. Danon-Boileau pensa que a superfície do enunciado louco raramente é uniforme, liso. Seus indicadores, como fenômeno, são um jogo dialético permanente de descontinuidade/continuidade, de fluidez/fragmentação, de concentração/dispersão. Essa instabilidade e inconstância podem bem coincidir com uma dinâmica psíquica de burla da censura. Reencontramos aqui algo parecido como aquilo que os estudiosos de Montréal chamam "discurso antonímico", e que Michel Thévoz (1986, p. 105-110) considera uma "polemização do discurso normal".

No seu trabalho - que não cabe ser convenientemente apresentado aqui - Danon-Boileau se debruça sobre sequências de enunciados onde é possível evidenciar um certo parentesco entre processos psíquicos e "operações linguísticas"¹⁰; ele desfaz os laços entre "conteúdos de representação (Danon-Boileau, p. 120); ele situa as suas considerações na perspectiva dos "processos primários". É uma empresa de grande promessa teórico-prática, que Michel Thévoz (1986, p.98) fortalece quando escreve: (os processos primários) "agravam o arbitrário do signo, desapropriam as palavras, fazem tornar as frases sobre si mesmas, enlouquecendo-as" e também desregram, desregulam a sintaxe ou significações subjacentes (Thévoz, 1986, p. 98, 107). O leitor tem que ter em mente que tanto Danon-Boileau quanto Thévoz não separam a sintaxe da retórica, que para eles falar de uma é falar da outra. Nessa ótica as proposições deles são análogas. As de Marcelle Marini (*Territoires du féminin*, Seuil, 1983). Numa citação de Thévoz (p. 53), Marcelle Marini afirma que o texto literário, a escrita louca de Marguerite Duras em particular, é feito "de mil deslizamentos das posições enunciativas, modulando desejos múltiplos e instáveis".

É por essas razões que, repetidamente, atribuímos à enunciação

10 | Essas "operações", ele as toma de empréstimo a Antoine Culioli, que Ruth Menahen também tem grande apreço (ver *Langage et Folle*, 1986, p. 229)

de texto louco o caráter de uma relação interlocutória paradoxal, atípica, uma relação de desencontro com as leis do discurso. Cabe a Ruth Menahen trazer, talvez, um suplemento de argumento alicerçado na "psico-retórica".

Que é, em poucas palavras, o lugar, a novidade e o aproveitamento eventual da Psico-retórica? Diz a proponente (p. 232):

a ênfase posta no pólo retórico aponta para uma abertura em direção dos aspectos expressivos negligenciados pela lingüística.

Depois de uma longa queixa contra uma Lingüística emasculadora, Menahen afirma a necessidade de uma nova ordem, de uma nova figuração do Inconsciente. Ela se pergunta (incansavelmente): "qual é o ponto de encontro da loucura da retórica e da retórica da loucura?"(235)¹¹. Falar em ponto de encontro é falar em derrubada de diques psiquiátricos que bloqueiam o afeto, não de uma remoção total, pois esta que faz cair na loucura patológica. A psico-retórica aspira apenas a expressão controlada do "non-sense", do ambíguo, da vida pulsional. Sua originalidade já pertence à teoria da poesia no romantismo alemão (Hölderlin, Novalis, os irmãos Shlegel). Mas depois da hegemonia lingüística no século, foi preciso re-patentear "a loucura veiculada pela linguagem" (236) e fazer reconhecer publicamente a ligação estreita entre linguagem e loucura. Na sua proposta, a autora limita-se a declarações evasivas concernindo o funcionamento dessa psico-retórica. Mas é evidente que esse funcionamento obedece a uma lógica peculiar. R. Menahen preconiza o estudo estilístico sob o ângulo da força de expressão, pelo discernimento de marcadores enunciativos variegados inscritos no texto. Em vez de fatos específicos a serem procurados pelo Leitor, ela prefere a adesão a uma hipótese de um Inconsciente sempre atuante. Porque a análise dificilmente a análise autêntica será regida por normas, regras, procedimentos e esquemas pré-determinados¹². A lógica da sua pesquisa tem muita afinidade com a nossa *Scripto-análise* (pesquisa ainda não publicada). Nós também preferimos aconselhar ao leitor uma postura enunciativa móvel, e como retórica a figura onipresente da Substituição. A retórica do texto se resume numa substituição generalizada de elementos das micro até às macro-unidades. Essa noção de substituição acabou de ser a privilegiada

11 É contraditório o fato da autora procurar respaldo teórico de J.C. Milner, Chomsky, depois de ter rechaçado a Lingüística de sua proposta (p. 235)

12 Freud tentou essa forma de interpretação na análise dos sonhos, segundo Serge Videman (*Nouvelle Revue Française de Psychanalyse*, n. 5, 1972, 1a. parte do artigo "Comme en un miroir, obscurément")

por Mario A. Perrini na sua Sintaxe Portuguesa: *Metodologia e Funções* (Ática, 1989, p. 40-43). Mas cedemos a última palavra a Ruth Menahen (237-239):

As figuras da psico-retórica são forças e não formas, elas não estão na dependência de um código, mas da interferência entre vários sintomas (...). A psico-retórica se situa a essa confluente do inominável e do oprimido (...) participando de um e do outro, da loucura e da linguagem.

Por conseguinte, só pode ler psico-retoricamente quem se coloca numa postura de intérprete-questionador, quem é cúmplice da saudável utopia da desordem redentora de nosso caos maquiado em ordem ¹³.

Os itens que acabamos de apresentar constituem a grade de análise que pretendemos utilizar para uma detida investigação em obras literárias. A delicadeza da tarefa é evidente. Pois como o indicou a psico-retórica os instrumentos que parecem mais técnicos e também aqueles que se avultam os riscos de passar ao lado do essencial. Os analistas já sabem que nada pode tomar o lugar do refinamento de uma escuta flutuante. De sorte que o discurso do imaginário, como material privilegiado introduz aos arcanos da loucura só quem conquista o sexto sentido que os árabes denominaram "firasá" ¹⁴.

-
- 13' Sobre essa Ordem do Mundo em relação a qual o louco escolhe o exílio, e sobre a problemática desse exílio, é útil consultar Gerard Méchoufem (op. cit., II: La Névrose Collective, espec. p. 67-68, 80-100, 110-113, 134-144)
- 14' cf. GUINSZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; p. 179

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROX, S. (1985). La Linguistique Fantastique. In: *Le Langage (infra)* p. 141-149 (p. 146: *La Glossalalie*).

ALVES, R. A. (1989). *Conversas com Quem Gosta de Ensinar*. 23. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados.

ARRIVÉ, M. (1986) *Linguistique et Psychanalyse*. Paris: Méridiens - Klincksieck.

BAJOMÉE, D, et HEYNDELS, R. (1985). *Écrire dit-elle: Imaginaires de Marguerite Duras*. Bruxelles: Presses de l'Université Libre.

BAJOMÉE, D. (1985). *Avant-propos. La nuit, l'effacement, la nuit*. (no livro precedente).

BELLEMIN-NOËL, J. (1982). Psychanalyse et Pragmatique. Paris, *Critique*, mai, n. 420, p. 406-422.

_____. (1983). *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix.

_____. (1983). *Gradiva au Pied de la Lettre*. Paris: P.U.F.

BESSIÈRE, J. (1988) (ed.). *L'Ordre du Descriptif*. Paris: P.U.F. Ler Kremer-Marietti, A. Peut-on faire une Théorie de la Description. p. 9-22.

BORGOMANO, M. (1985). Le Corps et le Texte. In: *Bajomée et Heyndels* p. 49-62.

_____. (1987). *Duras: une Lecture des Fantômes*. Lausanne: Cistre.

BOURDIEU, P. (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.

CAMPOS, Augusto de, Campos, Haroldo de. (1966). *Sousândrade*. Poesia. Rio de Janeiro: Agir, (introd.).

CERTEAU, M. de (1987). *Histoire et Psychanalyse entre Science et Fiction*. Paris: Gallimard (essais).

_____. Marguerite Duras: on dit. In: *Bajomée et Heyndels*.

CHELLI, M. (1985). Le Langage Poétique. In. Vários: *Le Langage (infra)* p. 175-184.

COOPER, D. (1986). *Le Langage de la Folie*. Paris: Seuil.

DANON-BOILEAU, L. (1987). *Le Sujet de l'Énonciation*. Paris: Ophrys.

DELAY, P. (1985). Pouvoir du Langage et Langage du Pouvoir. In: Vários: *Le Langage (infra)* p. 220-238.

- DELEUZE, G. (1988). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- DETAPE, E. (1986). Le Non-dit par-delà ce qui est dit. In: *Le Langage* (infra) p. 60-73.
- DURANDEAUX, J. (1982). *Poétique Analytique*. Paris: Seuil.
- FOUCAULT, M. ver Guirlinger (infra).
- GOMES, A. de O. (1990). Introdução a *Poemas/Poems* de Gérard Manly Hopkins. São Paulo, Companhia das Letras.
- GORI, R. (1978). *Le corps et le Signe dans l'Acte de Parole*. Paris: Dunod.
- GRIMAUD, M. (1976). *Vers une Poétique Psychanalytique* (Tese de Doutorado). University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan. 2v.
- GUIMARÃES, E. J. *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes. Ler. E. J. Guimarães. Enunciação e História. p. 71-79.
- GUIRLINGER, L. (1986). Le Pouvoir du Discours et le Discours du Pouvoir dans l'Oeuvre de Michel Foucault. In: *Vários: Le Langage* (infra) p. 210-228.
- HANRION, R. (1986). Le Modèle Linguistique et les Sciences Humaines. In: *Vários: Le Langage* (infra) p. 117-126.
- JOACHIM, S. (1989). Poética: uma leitura psicanalítica. In: Taira: *Revue du Centre de Recherches et d'Études Lusophones et Intertropicales*. Université de Grenoble III, v. I, n. 1, p.111-127.
- KLEIN, G. (1986). Science-Fiction et Psychanalyse. In: KLEIN, Gérard et al. *Science-Fiction et Psychanalyse*. Paris: Dunod, p. 47-151.
- KIBEDI-VARGA. (1982). *Teoria da Literatura*. Lisboa: Presença.
- LOPES, R. S. B. (1989). *Mulher ao pé da letra*. (Tese de Doutorado) U.F.M.G.
- MAGALHÃES, L. S., VALLEJO, A. (1981). *Lacan: Operadores da Leitura*. São Paulo: Perspectiva.
- MAHONY, P. (1990). *Psicanálise e Discurso*. Rio de Janeiro: Imago.
- MAKWARD, Ch. (1978). Structures du Silence/ du Délire. In: *Poétique*, n. 35, septembre, p. 314-324.
- MARINI, M. (1985). L'autre Corps. In: Bajomée et Heyndels (supra) p. 21-48.
- MAZZOLA, M. (1985). La Psychanalyse et le Langage. In: *Vários: Le Langage* (infra) p. 127-140.

- MENAHEN, R. (1986). *Langage et Folie*. Paris, Belles-Lettres. p.127-140.
Nouvelle Revue Française de Psychanalyse. Paris, Gallimard. Ns. 3 (Lieux du Corps), 8 (Le Dedans et le Dehors), 23 (Dire), 37 (La Lecture).
- ORLANDI, E. P. (1989). Ver GUIMARÃES, E. J. (supra). Ler: Silêncio e Implícito. p. 39-46.
- PLAZA, M. (1986). *Écriture et Folie*. Paris, P.U.F.
- ROCH LECOURES, A., LAVALLÉE-HUYN, G., NAVET, M. (1982). *Études Françaises*, Montréal, Printemps, 1982, 18/1: La Schizographie ou l'Écriture Indocile. p. 61-92
- ROUANNET, M. H. (1987). Encenação em circuito fechado, p. 61-134. In: M. E. Chaves de Melo e M. H. Rouannet. *A Dificil Enunção Literária*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- THÉVOZ, M. (1986). *Le Langage de la Rupture*. Paris; P.U.F.
- Vários. (1985). *Le Langage*. Paris: Bréal
- WIEDER, C. (1988). *Éléments de Psychanalyse pour le Texte Littéraire*. Paris: Bordas.
- WRIGHT, E. (1984). *Psychoanalytic Criticism*. London: Methuen.

